

**DISCURSOS MORAIS E ÉTICOS DE ADOLESCENTES CABO-VERDIANOS E
BRASILEIROS SOBRE REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES FÍSICAS REGULARES E
HÁBITOS NUTRICIONAIS ADEQUADOS**

**CAPE VERDEAN AND BRAZILIAN TEENS' MORAL AND ETHICAL
DISCOURSES CONCERNING FREQUENT PHYSICAL ACTIVITIES AND
ADEQUATE NUTRITIONAL HABITS**

**DISCURSOS MORALES Y ÉTICOS DE ADOLESCENTES CABO-VERDIANOS Y
BRASILEÑOS SOBRE LA REALIZACIÓN DE ACTIVIDADES FÍSICAS
REGULARES Y HÁBITOS NUTRICIONALES ADECUADOS**

MARINHO, Julio Cesar Bresolin
juliomarinho@unipampa.edu.br
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa, Campus São Gabriel
<http://orcid.org/0000-0002-2313-500X>

SILVA, João Alberto da
joaosilva@furg.br
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
<http://orcid.org/0000-0002-5259-7748>

RESUMO: O objetivo do artigo reside em analisar as percepções morais e éticas dos adolescentes no que tange à duas temáticas da saúde: realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados. A pesquisa é qualitativa e a técnica empregada foi a realização de grupos focais com a utilização de um dilema moral. Participaram 45 adolescentes de Cabo-Verde e Brasil. Os dados obtidos foram analisados mediante técnica da análise do Discurso do Sujeito Coletivo. Evidenciamos que a realização de atividades físicas de forma adequada, bem como os hábitos nutricionais saudáveis, irá depender da força de vontade dos adolescentes. Aqueles que não se consideram “suficientemente bons”, poderão agir de forma prejudicial à saúde. No entanto, os que possuem “boa confiança em si”, poderão buscar outras saídas para não colocar sua saúde/vida em risco.

Palavras-chave: Atividade física. Educação em Saúde. Hábitos nutricionais.

ABSTRACT: The purpose lies on analyzing the moral and ethical perceptions of teens concerning the two health themes: the frequent practice of physical activities and adequate nutritional habits. It is a qualitative research and the technique applied was the implementation of focus groups with the use of a moral dilemma. 45 teens from Cape Verde and Brazil participated. The data collected was analyzed through the analysis technique of the Collective Subject Discourse. We highlight that the adequate practice of physical activities as well as healthy nutritional habits will depend on the teens' willingness. Those who do not consider themselves as “good enough”, may act

in a harmful way to their health. However, those who feel “confident about themselves” may find other ways in order not to put their health/lives at risk.

Keywords: Physical activity. Health Education. Nutritional habits.

RESUMEN: El artículo es una producción del área de Educación en Ciencia y se inserta en el campo de conocimiento de la Educación para la Salud. El objetivo se basó en analizar las percepciones morales y éticas de los adolescentes con respecto a dos temáticas de la salud: realización de actividades físicas regulares y hábitos nutricionales adecuados. La investigación es cualitativa y la técnica utilizada fue la realización de grupos focales utilizando un dilema moral. Participaron 45 adolescentes de Cabo Verde y Brasil. Los datos obtenidos se analizaron utilizando la técnica de análisis del Discurso del Sujeto Colectivo. Evidenciamos que la realización de actividades físicas de manera adecuada, así como los hábitos nutricionales saludables dependerán de la fuerza de voluntad de los adolescentes. Aquellos que no se consideran “suficientemente buenos” pueden actuar de manera perjudicial para la salud. Sin embargo, aquellos que tienen “buena confianza en sí mismos” pueden buscar otras formas de evitar poner en riesgo su salud/vida.

Palabras clave: Actividad física. Educación para la Salud. Hábitos nutricionales.

1 INTRODUÇÃO

Lemos e Dallacosta (2005) evidenciam que os adolescentes não consideram sua alimentação saudável, mesmo possuindo conhecimento eles não deixam de comer o que gostam. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE (BRASIL. IBGE, 2016) revelam que “entre os estudantes de 16 a 17 anos de idade, estão as maiores proporções daqueles que relataram realização de refeições em *fast-food*”, aspecto que pode ocasionar agravos a saúde.

Silva e colaboradores (2012) constataram que, apesar dos adolescentes terem ciência de que não se alimentavam bem, não realizavam nenhuma mudança em seu estilo de alimentação. Para as autoras, os adolescentes

[...] possuem visão crítica sobre a alimentação, mas ainda não conseguem implementar os hábitos de uma alimentação saudável em prol de sua própria saúde. Não conseguem, talvez, por influência do meio em que eles vivem, de uma cultura de consumo de lanches rápidos e comidas práticas, e estímulos à criação de uma certa identidade da infância e do adolescer ligados a redes de lanchonetes (SILVA et al., 2012, p. 93).

A investigação de Silva e colaboradores (2014, p. 406) evidenciou que, em relação à alimentação, “os adolescentes possuem uma boa representatividade e apreensão sobre o que é ser saudável, embora muitas vezes não coloquem isso em

prática”. Todos esses dados são corroborados na investigação de Costa e Zancul (2013), na qual 62,5% dos adolescentes, apesar de alegarem saber o que significa uma alimentação saudável, afirmaram não adotar esta estratégia alimentar em sua rotina.

Quando se trata da questão de alimentação com adolescentes, um ponto importante reside nas dietas alimentares, visto que dados da PeNSE (BRASIL. IBGE, 2016) mostram que percentuais significativos de escolares já tentaram perder peso corporal, com destaque para estudantes do sexo feminino. Os adolescentes participantes do estudo de Leite e Mól (2017) destacaram que as dietas se relacionam especialmente à restrição de alimentos para fins estéticos, tendo as questões físicas como as que mais influenciam para adoção de uma determinada dieta.

No que tange à alimentação, Leal et al. (2010) percebem uma importância para que as necessidades energéticas sejam alcançadas na adolescência, visto que um déficit pode causar prejuízos ao crescimento e desenvolvimento. Já Felix e colaboradores (2015) observaram que os adolescentes associam a alimentação mais à manutenção de peso do que à qualidade de vida.

Ao lado da temática referente aos hábitos nutricionais adequados, a da realização de atividade física regular também se faz pertinente quando se trabalha com a saúde do adolescente, visto que “em sociedades como a nossa, em que o aspecto físico é atributo valorizado e idealizado, o culto ao corpo e a necessidade de desenvolver uma forma física perfeita se tornam mais significativos para os jovens” (ALMEIDA et al., 2007, p. 26). Bretas e colaboradores (2008, p. 409) observaram “que o corpo é a tela em que o adolescente vai representar as suas subjetividades, valores criados em nossa sociedade, como a moda, e a inserção em um determinado grupo social”.

Silva et al. (2014) evidenciaram que para os adolescentes existe uma associação entre a prática de atividades físicas com o ser saudável, pois além de estimular a adesão aos exercícios acaba contribuindo para a melhora do desempenho motor, controlando as doenças crônicas e beneficiando aspectos sociais e emocionais. No entanto, dados da PeNSE (BRASIL. IBGE, 2016) indicam que a faixa

etária de estudantes entre 16 e 17 anos “concentra um percentual maior de escolares classificados como inativos”.

Dessa forma, investigar o pensamento dos adolescentes sobre a realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados configura-se como importante, principalmente para a elaboração de ações para serem desenvolvidas nas escolas, bem como em outros espaços educativos.

Optamos por trabalhar com adolescentes oriundos de dois contextos geográficos diferenciados, na tentativa de percebermos a existência, ou não, de diferenças em relação aos adolescentes de outro país (Cabo Verde), quando comparados aos adolescentes brasileiros. A escolha por adolescentes de Cabo Verde foi propiciada pela oportunidade de mergulhar em outra cultura no período do doutorado sanduíche¹ e por concordarmos com La Taille (2006, p. 20) quando menciona que:

Mesmo em se verificando que, em todas as sociedades, é dado valor à vida, à verdade e à reprodução humana e que, portanto, os comportamentos relacionados a esses valores são objetos de regras, somos forçados a reconhecer que tais regras variam, e muito, de uma sociedade para outra, notadamente em relação ao universo de sua aplicabilidade.

O perfil populacional de Cabo Verde é acentuadamente jovem, visto que 65 pessoas em cada 100 têm menos de 24 anos (ANJOS, 2005). O arquipélago está situado a 650km da costa senegalesa, e “todo o processo de construção da identidade nacional cabo-verdiana tem o Continente africano como referência, seja para uma afirmação de distanciamento, ou para uma afirmação de proximidade ou de pertencimento” (ANJOS, 2003, p. 581). Seibert (2014) relata que os portugueses chegaram pela primeira vez no arquipélago por volta de 1460, e esse se encontrava desabitado. Dessa forma, o arquipélago de Cabo Verde, juntamente com o de São Tomé e Príncipe

[...] foram os primeiros territórios em que europeus e africanos conviveram permanentemente. Devido à ausência de mulheres brancas, a união entre homens europeus e escravas africanas era frequente. A mestiçagem, biológica e cultural, entre brancos e negros nos dois arquipélagos resultou na emergência das sociedades crioulas (SEIBERT, 2014, p. 41).

¹ Realizado com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa Pró-Mobilidade Internacional da Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP) – processo nº 3283/15-1.



Os cabo-verdianos se configuram como uma sociedade crioula singular, que resultou do encontro direto e prolongado entre a cultura portuguesa e as várias culturas africanas, o que acabou gerando um processo de aculturação mútua: uma europeização dos africanos, bem como uma africanização dos europeus (SEIBERT, 2014). Mourão (2009) aponta que Cabo Verde acabou sendo visto como extensão de Portugal, isso em decorrência da

[...] forma de ocupação e as estratégias usadas pelos portugueses e pelas elites cabo-verdianas aliadas aos portugueses, no projeto colonial distanciaram os cabo-verdianos de suas raízes africanas e os aproximaram mais da cultura europeia, possibilitando questionar se são africanos, atlânticos, europeus ou uma mistura de todos esses atributos. Em suas definições sobre a cabo-verdianidade, muitos elementos identitários são acionados e se relacionam, como raça, língua, religião e nacionalidade (MOURÃO, 2009, p. 90).

Com as características de Cabo Verde apresentadas, reconhecendo que as regras divergem de sociedade para sociedade, acreditamos ser pertinente investigar as compreensões dos adolescentes cabo-verdianos no que tange às questões da realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados, bem como verificar sua congruência, ou não, em relação aos entendimentos dos adolescentes brasileiros.

No contexto brasileiro, optamos por produzir os dados junto a adolescentes que cursavam o Ensino Médio em uma escola da rede estadual de Uruguaiana, RS. A escolha por essa escola se deu por ela possuir uma boa interlocução com a Universidade em que o autor principal do artigo é docente. A Universidade realiza diversos projetos com essa escola, a qual procura desenvolver uma organização curricular diferenciada trabalhando com o estudo da realidade na qual os adolescentes estão inseridos. A escola também organiza cada ano do Ensino Médio por um foco/tema que articula os componentes curriculares e seus conteúdos, sendo a saúde um desses enfoques.

Assim, nossa questão de pesquisa reside em compreender – Quais as percepções morais e éticas nos discursos de adolescentes cabo-verdianos e brasileiros no que tange à realização de atividades físicas regulares e aos hábitos nutricionais adequados?



2 MORAL E ÉTICA

Piaget é pioneiro ao utilizar um enfoque construtivista para o estudo moral. Sua ideia, no que tange ao desenvolvimento moral, reside na passagem da heteronomia para autonomia. Caracteriza a primeira como resultado da coação moral, marcada pelo respeito unilateral que “é a origem da obrigação moral e do sentimento do dever: toda ordem, partindo de uma pessoa respeitada, é o ponto de partida de uma regra obrigatória” (PIAGET, 1994, p. 154). Quando as relações de coação dão lugar a relações cooperativas, “o respeito unilateral dá lugar ao respeito mútuo ou recíproco, graças ao qual se abre o caminho para a conquista da autonomia moral pelo sujeito” (FREITAS, 2002, p. 19). Piaget (1994, p. 155) considera que existe autonomia moral quando “a consciência considera como necessário um ideal, independente de qualquer pressão exterior”.

No que tange às definições para os vocábulos moral e ética, constatamos que essas são diversas e possuem variação dependendo da aposta teórica adotada. Neste estudo, compreendemos moral e ética segundo La Taille (2006), o qual, em linhas gerais, estabelece que moral configura-se como um sistema de regras e princípios que corresponde à indagação a pergunta “Como devo agir?”. Já à reflexão ética, procura responder “Que vida quero viver?”, ocupando-se assim da questão da felicidade ou da vida boa. Para o autor, moral relaciona-se com deveres e ética com a busca de uma vida boa, uma vida que “vale a pena ser vivida”.

Compreendemos que somente é moral quem assim o quer, visto que é o próprio sujeito que opta por agir guiado pelo dever e, ao realizar essa escolha acaba tendo limitações no campo das suas ações. Ao relacionarmos tal constatação ao campo da Educação em Saúde, podemos inferir que um adolescente que zele pela sua saúde, tendo uma vida saudável, possui grande apreço por ela, atribuindo um valor muito significativo a si de forma que procura se preservar na tentativa de ter uma vida boa. Para que o sujeito consiga se atribuir valor significativo é necessária a construção das representações de si com valor positivo (LA TAILLE, 2009), para que assim seja possível o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do autorrespeito.

No que tange ao plano ético, La Taille (2006) acredita que viver uma vida que faça sentido reside em condição necessária para a “vida boa”, seja ela qual for e, assim, acabamos por encontrar um elemento essencial à definição do plano ético. O autor consegue ir além e postula que ao escolher um sentido para a vida e formas de viver, o sujeito acaba se definindo como ser. Dessa forma, acredita que a resposta para o “como viver?” deve permitir a realização da expansão de si próprio. Ele compreende a expressão “expansão” como uma busca de novos horizontes de ação, uma busca da superação de si próprio, para conseguir enxergar a si próprio como uma pessoa de valor. Acaba assim, por visualizar que ver a si próprio como pessoa de valor é condição necessária para o gozo da felicidade, da “vida boa”.

Para compreender os comportamentos morais dos indivíduos, La Taille (2006, p. 51) acredita que precisamos conhecer a perspectiva ética que adotam e afirma que

Somente sente-se obrigado a seguir determinados deveres quem os concebe como expressão de valor do próprio eu, como tradução de sua autoafirmação. Em suma, identificamos na ‘expansão de si próprio’ e no valor decorrente atribuído ao eu a fonte energética das ações significativas em geral, e das ações morais em particular. Em poucas palavras, identificamos no plano ético as motivações que explicam as ações no plano moral.

Assim, o sentimento de obrigatoriedade moral, depende da expressão do valor do próprio eu. Evidencia-se que o sentimento de autorrespeito acaba unindo os planos moral e ético, considerando que o sujeito que respeita a moral, respeita a si próprio. Entendemos que o adolescente que se percebe como sujeito de valor irá cuidar de sua saúde, procurando se afastar das condutas de risco. Porém, se esse adolescente não se percebe como um sujeito de valor, pode acabar por não ter um cuidado mais acurado com sua saúde, pois não visualiza importância no zelo para consigo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de abordagem qualitativa, configurou-se como explicativa. Participaram do estudo 45 adolescentes² imersos em contextos geográficos distintos:

² Para o desenvolvimento da investigação foram tomados todos os cuidados éticos necessários. Os pesquisadores tiveram o aval de todas as instituições envolvidas e os adolescentes que aceitaram participar dos grupos focais receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que seus responsáveis assinassem, consentindo sua participação.



adolescentes africanos da Cidade da Praia (Ilha de Santiago, Cabo Verde) que estavam cursando o ensino secundário³ e adolescentes brasileiros que estavam cursando o Ensino Médio regular.

Para a produção de dados utilizamos a técnica do grupo focal, a qual possibilita compreender informações de naturezas diferentes, envolvendo conceitos e preconceitos, opiniões e ideias, valores, sentimentos e ações dos participantes a respeito de determinado assunto (GATTI, 2005). A possibilidade de trazer à tona o pensamento dos adolescentes através da abertura proporcionada a eles, em um grupo de pares, sem julgar suas perspectivas faz a técnica de grupo focal ser pertinente à investigação.

Foram constituídos 5 grupos focais (Quadro 1) durante a investigação e o processo de recrutamento foi realizado pelas escolas⁴ envolvidas. Os grupos foram todos realizados no ano de 2015, em salas das próprias instituições frequentadas pelos adolescentes, em período previamente agendado. O pesquisador principal do estudo foi o moderador dos grupos. No início de cada grupo focal os adolescentes foram dispostos em círculo para facilitar o contato visual de todos. Após, foi realizada a apresentação do pesquisador e dos adolescentes, bem como apresentada a dinâmica da discussão.

Quadro 1 – Organização e características da constituição dos grupos focais

CONTEXTO	IDADE	NÚMERO DE PARTICIPANTES
Cabo Verde	14 – 15 anos	10 (3 do gênero masculino e 7 do gênero feminino)
	16 – 17 anos	10 (5 do gênero masculino e 5 do gênero feminino)
	14 – 17 anos	10 (4 do gênero masculino e 6 do gênero feminino)
Brasil	16 – 18 anos	7 (2 do gênero masculino e 5 do gênero feminino)
	14 – 17 anos	8 (2 do gênero masculino e 6 do gênero feminino)

Fonte: Elaborado pelos Autores

A aposta para mobilizar os grupos e fomentar uma discussão mais aprofundada das questões sobre a realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados residiu na utilização de um dilema moral. Assim como Dias (2000), temos

³ Dados coletados no período do Doutorado Sanduíche.

⁴ Após a equipe diretiva autorizar a realização do estudo, solicitamos que fossem selecionados de 10 a 12 adolescentes, de ambos os gêneros, na faixa etária de 14 a 18 anos para integrar os grupos. Em Cabo Verde foram contatadas 3 escolas, situadas em três diferentes localidades da cidade da Praia. No Brasil, foi contatada uma escola da rede estadual de Ensino do Rio Grande do Sul (RS) e situava-se em um bairro da periferia do município de Uruguiana, RS.

consciência de que os grupos focais procuram fomentar ideias e opiniões espontâneas, ouvindo a opinião de todos os participantes, no entanto, sem coação, deixando os sujeitos confortáveis. Acreditamos que a opção pelos grupos focais como técnica para produção de dados e o dilema moral como instrumento possibilitaram a obtenção de opiniões mais espontâneas e verdadeiras, fugindo de discursos programados que muitas vezes obtemos em pesquisas que utilizam entrevistas estruturadas.

Os dilemas morais, em linhas gerais “se constituem em narrativas breves de situações envolvendo conflitos de natureza moral que encerram valores diferentes” (GONÇALVES, 2015, p. 96). Kawashima et al. (2015, p. 220) nos esclarecem que:

Os dilemas morais consistem em narrações que se referem a situações que apresentam uma contraposição de valores que não tem fácil solução, pois é necessário o sujeito optar por entre estes valores. Sendo assim, trata-se de situações que não oferecem uma única solução, obrigando o sujeito a refletir, argumentar e justificar racionalmente a alternativa que lhe parece mais justa.

Para elaborar o dilema levamos em conta as orientações de Puig (1988): definir com clareza o âmbito do dilema; definir um protagonista; propor uma escolha; propor temáticas morais; perguntar pelo que “deveria fazer” o protagonista e “por que” deveria fazer; formular outras perguntas e dilemas alternativos. Elaboramos um dilema que contemplou a questão da realização de atividades físicas regulares e dos hábitos nutricionais adequados, o qual se configurou como real, pois seu conteúdo se referia a problemas que os sujeitos conhecem de perto ou já experimentaram de forma direta (PUIG, 1988). Optamos pela elaboração desse tipo de dilema, pois “se referem às suas próprias vidas. Tais exercícios são muito úteis porque asseguram ao máximo a implicação pessoal de quem os discute, mesmo que às vezes essa mesma implicação acarrete também sérias dificuldades e entraves emocionais” (PUIG, 1988, p. 59). Vejamos o dilema:

“Mariana é uma adolescente que possui o hábito de realizar atividades físicas diariamente. Sempre antes de sua aula sai para caminhar e no fim da tarde vai para academia se exercitar mais um pouco. Mariana está com seu peso ideal e tem desejo em se tornar modelo. Ao fazer um teste para uma agência de modelos é recusada por não estar ‘nos padrões’, segundo a pessoa responsável pelo teste. Essa pessoa responsável pelo teste resolve dar umas “dicas” para Mariana, pois ela é uma adolescente que pode ter uma carreira promissora como modelo, assim ela aconselha Mariana que além dela realizar os exercícios de forma intensa, ela evite ao máximo se alimentar. Ela aconselha Mariana a comer somente em caso de extrema fome. Como Mariana deve agir? Por quê?”.

Quando o dilema foi apresentado nos grupos focais, os adolescentes tiveram que se posicionar e explicar como agiriam se estivessem expostos a tal situação. Apostamos na utilização do dilema como instrumento de pesquisa, pois segundo Gonçalves (2015, p. 115) nessa situação os adolescentes têm a “possibilidade de participar de forma ativa, trazendo à tona os seus conflitos, as suas frustrações e as suas aspirações – assumindo-os, refletindo sobre eles e discutindo com os outros –, buscando solucioná-los de maneira construtiva”.

Para apresentar o dilema aos adolescentes nos balizamos nas orientações de Puig (1988). Primeiro realizamos a leitura oral da história com o grupo, bem como distribuimos o texto com o dilema por escrito para os adolescentes. Questionamos se o dilema tinha ficado claro e se não tinham nenhuma dúvida relacionada a situação. Não existindo dúvidas, foi solicitado que os adolescentes realizassem a leitura do dilema para si mesmo e, após, solicitamos que explicassem o conflito pela ótica do protagonista.

Finalizado esse momento introdutório, partimos para a discussão do dilema moral propriamente dito, que sempre partiu da questão “o que o protagonista deveria fazer”. Essa fase teve como objetivo “produzir, examinar e confrontar as razões que sustentam ou recusam cada uma das posturas” (PUIG, 1988, p. 62). Aqui os adolescentes puderam expressar suas opiniões acerca do dilema, bem como confrontar pontos de vista diversos sobre um mesmo problema moral (PUIG, 1988), por isso julgamos a utilização do dilema como um instrumento potencializador para o desenvolvimento dos grupos focais.

O registro das interações foi feito com auxílio de uma filmadora. Os dados registrados na filmadora foram transcritos pelos pesquisadores e analisados mediante técnica da análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFEVRE e LEFEVRE, 2005; 2012).

O DSC como técnica

[...] consiste em uma série de operações sobre a matéria-prima dos depoimentos individuais ou de outro tipo de material verbal (artigos de jornais, revistas, discussões em grupo etc.), operações que redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos, ou seja, constructos confeccionados com estratos literais do conteúdo mais significativo dos diferentes



depoimentos que apresentam sentidos semelhantes (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012, p. 17).

Desse modo, a partir dos depoimentos dos adolescentes nos grupos, construímos os discursos coletivos resgatando todas as ideias que emergiram das discussões, não somente as mais representativas. Lefevre e Lefevre (2014) nos mostram que no DSC as opiniões de cada indivíduo, as quais apresentam sentidos semelhantes são reunidas em categorias semânticas gerais, como em qualquer técnica de categorização. O diferencial dessa metodologia é que

A cada categoria estão associados os conteúdos das opiniões de sentido semelhante presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar com tais conteúdos um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (LEFEVRE e LEFEVRE, 2014, p. 503).

Os depoimentos sínteses são escritos em primeira pessoa do singular e isso é uma das bases da proposta do DSC, que procura fazer o pensamento coletivo falar diretamente. Para a construção dos discursos coletivos, o DSC utiliza quatro operadores (LEFEVRE e LEFEVRE, 2005; 2012): expressões-chave (ECH); ideias centrais (IC); ancoragem (AC) e DSC.

O DSC consiste na reunião num só discurso-síntese, redigido na primeira pessoa do singular, de ECH (trechos do discurso que revelam a essência do conteúdo) que possuem a mesma IC (nome ou expressão que descreve os sentidos das ECH) ou AC (expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso propala). Para construir um DSC, Lefevre e Lefevre (2012, p. 90) orientam ir do mais geral para o mais particular e colocam que a ligação entre as partes do discurso deve ser feita

[...] através da introdução de conectivos como: assim, então, logo, enfim etc [...] Deve-se igualmente eliminar as repetições de ideias, mas não da mesma ideia quando expressa de modos ou com palavras ou expressões distintas, ainda que semelhantes.

No processo de construção dos discursos, primeiramente identificamos as ECH e nomeamos as IC/ACs presentes no material que foi transcrito. Analisamos todas as IC/ACs agrupando por semelhanças em categorias e, por fim, construímos os discursos-sínteses (DSC), reconstruindo, com trechos de cada discurso singular, tantos discursos-síntese quantos se julgaram necessários para expressar uma representação social sobre o fenômeno (LEFEVRE e LEFEVRE, 2005). As IC e as AC

que foram agrupadas por semelhanças na mesma categoria foram aglutinadas e organizadas para construção do discurso na primeira pessoa do singular. Para dar maior fluidez ao discurso foram utilizados alguns conectivos.

Os dados obtidos nos grupos focais desenvolvidos no Cabo Verde e no Brasil resultaram na construção de 4 (quatro) DSC, dois oriundos de cada contexto, os quais são apresentados e discutidos a seguir.

4 RESULTADOS

Optamos por apresentar os resultados, inicialmente, de forma descritiva (mais geral), articulando a análise com auxílio de pesquisas da área do Ensino e da Saúde. Em um segundo item, aprofundaremos as análises e apresentaremos a análise da moral e ética nos discursos dos adolescentes no que tange à realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados.

4.1 Apresentando os discursos e as análises gerais

Apresentaremos primeiro os discursos em que os adolescentes acreditam que a protagonista não iria seguir o conselho recebido na agência de modelos nos dois contextos (DSC 1CV e DSC 1BR) e posteriormente os que julgam que a Mariana iria sim seguir o conselho, pois este é o seu sonho (DSC 2CV e DSC 2BR).

Vejamos o DSC 1CV e o DSC 1BR:

DSC 1CV – Ela devia colocar a saúde em primeiro lugar: “Eu acho que a Mariana tem uma noção de qual são os hábitos de saúde, porque se ela faz muitos exercícios físicos é porque ela sabe que é saudável. Ela já sabe quais são os melhores hábitos alimentares, então deveria recusar o conselho. Não adianta fazer exercícios físicos e comer só quando tiver extrema fome para ficar no padrão de ser uma modelo, e depois desenvolver doenças como anemia, anorexia. Eu acho que ela não deveria continuar com o sonho de ser modelo, porque ela já faz exercícios, estava no peso ideal e não ficou nos padrões. Isso é complicado. Ela devia colocar a saúde em primeiro lugar, mas ela também tem seus sonhos e eu acho que ela devia analisar mais, se ela não tem os padrões para ser uma modelo ela devia analisar outras formas, outras dietas que podem colocá-la nos padrões de formas mais saudáveis. Se ela não comer, é claro que ela vai ter alguma doença. Eu acho que ela não deveria deixar o sonho de ser modelo, porque ninguém gosta de ter um sonho e depois deixar simplesmente, mas deveria procurar outras fontes, para tipo, selecionar dentre vários conselhos qual é o melhor, pode ser alguns especialistas, pode perguntar para todos os tipos de pessoas. Pode ser amigos, familiares, especialistas, *internet*, depois selecionar essas informações para ver qual seria a melhor, até médicos, seria a melhor forma. Ela deve ser acompanhada de um especialista, como um



psicólogo, porque nessa parte poderia ficar muito confusa, porque ela tem que tomar uma atitude para não se arrepender no futuro, pois sabemos que a carreira de modelo não é para todo sempre. Como é possível uma pessoa só comer em caso extremo? Isso é suicídio. É como um carro para andar – necessita de gás, óleo, necessita que o motor esteja em condições, o pneu também deve estar em condições e ela para estar de pé necessita de proteínas, vitaminas. Deixando de comer perdemos nutrientes, perdemos quase tudo, então o corpo não ganha, fica sempre a perder, principalmente quem realiza atividades físicas. Eu acho, que ela devia optar por alimentos que não tem muita caloria, mas que tenha nutrientes e todas essas coisas, não só ajudava com a saúde, mas também a perder peso saudavelmente. Eu penso que ela deveria procurar um *personal trainer* para fazer exercícios para o corpo que perdesse mais calorias. Eu acho que esse é um problema da sociedade, magreza é sinônimo de beleza. Uma pessoa para ser modelo deve ser um saco de ossos. Se eu fosse a Mariana, eu procurava outra agência de modelos, pois nem todas estão como essa que tem que ser magra, magra. Se ela realmente almeja ser uma modelo, ela pode sim fazer isso, mas sem prejudicar sua saúde, sem ficar com problemas futuros. Isso depende de possibilidades, se ela é uma pessoa com boa confiança em si, se acha que não é suficientemente boa vai continuar com a dieta, vai se matar de fome para conseguir. Já, se ela for uma pessoa responsável, que goste mesmo de sua saúde irá procurar outras agências”.

DSC 1BR – O conselho que ela recebeu é horrível: “Eu desistia de ser modelo, se eu comer só em fome extrema eu vou comer até as panelas, aí eu vou lá e como tudo, o dobro. Ainda sem falar que se ficar um bom tempo sem se alimentar e depois vai e come, por exemplo, uma carne, ou uma coisa assim já aquela gordura, tipo parece assim que explode assim, a gente aumenta mais o peso. Acho esse conselho que ela recebeu horrível, um péssimo conselho, mas tem gente que faz. Eu acho que se ela tivesse mais informação, ela mudaria de ideia, porque no caso quando, quando a gente tem a base assim das informações, a gente vê, a gente para e pensa na hora, tipo a gente tá focado naquele sonho dela, mas depois a gente para, e pensa. Se ela tá com tanta fome, vai acarretar que ela vai perder a aparência inclusive, aí no caso, o que que adianta ela tá com isso se não vai poder seguir o sonho. Eu nunca seria modelo, não dá. Tá loco! Ela vai se desnutrir. Prefiro ser modelo *Plus Size*. Ia morrer gorda. A saída para essa menina seria ela seguir outra carreira, outra coisa. Uma outra opção é procurar outra agência”.

Os dois discursos defendem que a Mariana não deveria seguir o conselho recebido na agência de modelos. O discurso elaborado a partir dos dados produzidos pelos adolescentes em Cabo Verde (DSC 1CV) apresenta uma gama maior de justificativas para a protagonista do dilema não seguir o conselho, pois julgam que ela deveria colocar sua saúde em primeiro lugar, analisar outras dietas optando por alimentos não muito calóricos, mas que tenham nutrientes, proteínas e vitaminas. Os adolescentes acreditam que a menina deveria procurar informações em outras fontes, como amigos, familiares, especialistas, *internet*, médicos, *personal trainer*. A investigação de Leite e Mól (2017) evidenciou que o recurso de pesquisa mais utilizado pelos adolescentes na busca de informações sobre dietas alimentares reside nos *sites* nutricionais.

No DSC 1CV também emergiu a ideia de que na sociedade atual a magreza extrema é vista como sinônimo de beleza, na qual acabam por criticar que “*uma*

peessoa para ser modelo deve ser um saco de ossos". Rego Filho e colaboradores (2005) postulam que o padrão de beleza atual, que é o do indivíduo magro, principalmente do sexo feminino, estimulado pela mídia, acaba por contribuir para a anorexia do adolescente, acarretando distúrbios alimentares por carência de determinados nutrientes. Desse modo, os adolescentes sugerem que a protagonista procure outras agências de modelos.

No discurso "ela devia colocar a saúde em primeiro lugar" (DSC 1CV), os adolescentes concebem que a Mariana possui conhecimento sobre quais são os melhores hábitos alimentares e, por isso, ela não seguiria o conselho, mas como já vimos pelos estudos de Lemos e Dallacosta (2005), Silva et al. (2012), Costa e Zancul (2013) e Silva et al. (2014), saber quais os melhores hábitos alimentares não garantem boas práticas de saúde para o adolescente. No DSC 1BR acredita-se que "*se ela tivesse mais informação, ela mudaria de ideia*", fato que não é corroborado pelos quatro estudos que foram mencionados.

Já no discurso – "o conselho que ela recebeu é horrível" (DSC 1BR) – os adolescentes evidenciam que se a Mariana comer só em caso de extrema fome, quando for comer irá ingerir grandes quantidades de alimento o que vai fazer com que ela aumente mais seu peso. Também postulam que se ela parar de comer e só comer em caso extremo ela vai perder a aparência, fato que irá inviabilizar ela de seguir o seu sonho (ser modelo). Como saída, os adolescentes brasileiros sugerem que ela siga outra carreira, procure outra agência ou se torne uma modelo *Plus Size*.

Analisamos agora o DSC 2CV e o DSC 2BR:

DSC 2CV – Não deveria, mas se esse fosse realmente o seu sonho ela faria: "Eu acho que ela iria seguir o conselho, não deveria, mas se esse fosse realmente o seu sonho ela faria. Eu faria o que a senhora quer. Ela tem um sonho a realizar, como é um sonho, acho que ela gostaria de se tornar uma modelo e no momento em que ela recebe um não iria fazer o possível para que o sonho tornasse realidade. Se ela levasse em conta que o tempo passa e as oportunidades não voltam ela faria com certeza, mesmo estando com sua saúde em risco. Quando queremos uma coisa fazemos de tudo para conseguir, fazemos o impossível para conseguir realizar, acho que ela não buscaria outras alternativas. A senhora disse não, mas com um porém – disse que ela tem futuro promissor, então, imagina – é o sonho dela, imagina, eu tenho um sonho e uma pessoa me diz "ah tu não vais fazer isso, mas olha, tens um perfil ideal, só pare de comer". Mesmo que ela tenha muita responsabilidade, ah tipo não custa tentar".

DSC 2BR – Se fosse um sonho a gente faria: "Eu acho que ela ia seguir o conselho, já que ela quer tanto ser modelo, se é um sonho mesmo, ela seguiria esse conselho. Entra no psicológico da pessoa, "é meu sonho ser modelo, eu vou fazer isso não me interessa". A gente



faria, é óbvio, mesmo que te acarrete um monte de problema, vai levar até à morte, mas faz, só comeria em extrema fome. Já que não consegue tentando pela maneira certa, vai para um caso mais extremo, mesmo sabendo dá doença, sabendo dos problemas que podem acarretar na saúde a pessoa vai e faz pelo fato dela querer alcançar aquele objetivo. Eu acho que a informação não vai fazer muita diferença, porque ela quer aquilo. Não adianta um médico lá, ninguém falar nada que não vai mudar muito a ideia dela se ela quer tanto assim. Ainda mais que a mulher falou que ela tem talento e pode ter uma carreira promissora. É um incentivo pra ela. Ela vai focar, e ela vai fazer. E tem umas que focam também no lado financeiro “ah, eu necessito me qualificar na vida, eu tenho que ter uma vida melhor, ser bem remunerada”, aí vai lá e começa. Também a mídia influencia muito no caso, “ah eu quero ser modelo”, pra aparecer na mídia eu vou fazer tudo que for necessário, mesmo que isso me acarrete muitos problemas tem o sucesso, a fama, tudo isso”.

Ambos os discursos trazem o posicionamento dos adolescentes favorável a Mariana seguir o conselho recebido na agência de modelos consultada, pois destacam que é o sonho dela, e dessa forma “*iria fazer o possível para que o sonho tornasse realidade*”. No discurso cabo-verdiano (DSC 2CV) os adolescentes mencionam que quando eles querem algo, fazem de tudo até conseguir. Também acreditam que ela deve levar em conta que “*o tempo passa e as oportunidades não voltam*”.

No discurso elaborado a partir dos dados produzidos pelos adolescentes no Brasil (DSC 2BR) podemos evidenciar um número maior de argumentos que defendem a protagonista do dilema a seguir o conselho recebido na agência de modelos. Eles acreditam que por se tratar de um sonho tende a invadir aspectos psicológicos do sujeito e assim realiza-se a ação, mesmo com o conhecimento que poderá acarretar uma série de problemas. Dessa forma, concebem que “*a informação não vai fazer muita diferença, porque ela quer aquilo*”, o que já foi corroborada pelos estudos de Lemos e Dallacosta (2005), Silva et al. (2012), Costa e Zancul (2013) e Silva et al. (2014). No DSC 2BR também emergem questões que levam em conta o aspecto financeiro, pois concebem que “*modelo recebe muito bem*”; visualizam a importância da mídia e, por fim, o sucesso e a fama que essa profissão, por vezes, acaba proporcionando. Santrock (2014, p. 445) aponta que “a mídia retrata a magreza como beleza na sua escolha das modelos de moda, a quem muitas adolescentes se esforçam para copiar”, o que corrobora com o pensamento dos adolescentes. Almeida et al. (2007, p. 26) evidenciam que

Ao buscar a perfeição física, os jovens desejam atender aos critérios que a sociedade e a mídia impõem e assim se expõem a riscos. Atualmente os



padrões de beleza apontam para a magreza feminina e a musculação masculina. Ao tentar ir ao encontro desses padrões, as adolescentes incorporam hábitos de supressão alimentar, repressão do apetite, utilização de laxativos ou indução do vômito, e um número significativo delas desenvolve transtornos alimentares, como anorexia e bulimia.

Ao estudo desses autores podemos adicionar dados da PeNSE (BRASIL. IBGE, 2016), no qual evidenciou que

mais de 80,0% dos estudantes de 13 a 17 anos de idade consideravam a própria imagem corporal importante ou muito importante, sendo os maiores percentuais encontrados entre os escolares mais velhos e do sexo feminino; nas alunas da faixa etária de 16 a 17 anos, esse percentual atingiu 85,7%.

Aliado a isso, a pesquisa aponta que maiores proporções de escolares que tentaram perder peso corporal foram encontradas entre estudantes do sexo feminino (BRASIL. IBGE, 2016). Assim, observamos que a valorização excessiva da aparência física, que atinge sobretudo os adolescentes (principalmente os do sexo feminino), acaba por expô-los a fatores de riscos adotando hábitos prejudiciais a sua saúde na busca da “perfeição” física.

Ao finalizara esse item, podemos ver que os discursos proferidos pelos adolescentes, de ambos os contextos, acabam se aproximando, mas também apresentam alguns diferenciais. O DSC 1CV que defende a ideia de que a Mariana não deveria seguir o conselho recebido na agência apresenta inúmeras justificativas para a protagonista do dilema não seguir o conselho, além disso, questiona o paradigma atual da sociedade em que a magreza extrema é considerada sinônimo de beleza. Já o DSC 1BR nos parece mais superficial, visto que os argumentos se centram na aparência. Os discursos favoráveis a Mariana seguir o conselho recebido na agência orbitam, em ambos os contextos, na ideia de ser o sonho da menina. No entanto, o DSC 2BR apresenta o aspecto financeiro como tendo força na escolha, o que não emerge nos argumentos dos adolescentes de Cabo Verde.

4.2 Análise da moral e da ética nos discursos e as implicações do estudo

Inicialmente verificamos no DSC 1CV e DSC 1BR, com mais força, que os adolescentes concebem que a protagonista do dilema deve desistir de ser modelo por não estar nos padrões, tal ideia de simplesmente desistir configura-se como

heterônoma. Para além dessa percepção inicial, nesses discursos emergem algumas alternativas, principalmente no contexto cabo-verdiano (DSC 1CV), para a adolescente não desistir dos seus objetivos. Nesse discurso, é evidente a importância que os adolescentes atribuem para seus sonhos, como podemos observar no fragmento *“ninguém gosta de ter um sonho e depois deixar simplesmente”*. Ao sugerirem uma série de alternativas, as quais não vão ao encontro do radicalismo que foi sugerido pela pessoa da agência, podemos evidenciar um desenvolvimento da autonomia ao apontar outras saídas.

La Taille (2009) vai nos mostrar que existem pessoas autônomas, mas configura-se como fato raro, visto que a maioria das pessoas são heterônomas. Tal fato pode nos auxiliar a explicar esse pensamento inicial dos adolescentes – simplesmente desistir de ser modelo – e, aos poucos ir desenvolvendo uma postura autônoma que vislumbre alternativas para seguir com seu objetivo sem prejudicar sua saúde. É importante também perceber que o pensamento heterônomo surge com uma ligação a um dever aparentemente racional. Age-se porque se deve agir sustentando-se na razão. O discurso cabo-verdiano (DSC 2CV) contempla características afetivas, isto é, inclui o desejo, o afeto e os sentimentos. Esse discurso parece-nos mais sofisticado na medida em que a conduta saudável assume a postura racional que contingencia o desejo, mas procura por saídas e aberturas para novas condutas que incluam uma atitude adequada e contemplem aquilo que está no campo afetivo.

O DSC 2CV, assim como o DSC 2BR apresentam em sua essência a ideia que por ser o sonho da adolescente, ela faria o que foi sugerido, como podemos ver nos seguintes trechos: *“Se ela levasse em conta que o tempo passa e as oportunidades não voltam ela faria com certeza, mesmo estando com sua saúde em risco”* (DSC 2CV); *“mesmo sabendo dá doença, sabendo dos problemas que podem acarretar na saúde a pessoa vai e faz pelo fato dela querer alcançar aquele objetivo”* (DSC 2BR). Cortella (2013) destaca que nossa vida é sempre desejo, vontade e necessidade. O *desejo* é visto como um impulso vital, algo constante, que norteia, mas nunca se alcança. A *vontade*, para o autor, é uma carência transitória, a inclinação em direção a algo num certo momento e que pode ser suprida. Já a *necessidade* configura-se como uma urgência e pode ser satisfeita. Podemos compreender que a ideia de sonho

expressa pelos adolescentes se direciona em um sentido de vontade, pois é algo que precisa ser suprido, conquistado. Assim, sabendo das características dos adolescentes, os quais vivem na lógica do tudo é agora, sem uma noção de tempo elástico e entendendo que precisa aproveitar a vida, pois ela está se esvaindo como água pelos dedos (CORTELLA e LA TAILLE, 2013) existe essa possibilidade de se submeter às vontades, fazendo praticamente qualquer coisa para atingir seu objetivo. Nota-se aqui o oposto ao pensamento heterônomo racional, que tendia a uma conduta de desistência daquilo que se desejava. Nesse ponto de vista é o afeto que comanda e o faz abrindo mão, em parte, da racionalidade. Vê-se que a conduta a ser seguida ignora os aspectos importantes para a saúde, pois está movida apenas pelo que se deseja. De fato, o que queremos pôr em destaque nesta comparação é que um pensamento que ora seja racional ora seja afetivo tende a se afastar de uma conduta saudável, que carece do imbricamento desses dois campos.

No DSC construído a partir de dados dos grupos focais com adolescentes brasileiros foi narrada a seguinte ideia:

“modelo recebe muito bem né. Aí também tem umas que focam também no lado financeiro ‘ah, eu necessito me qualificar na vida, eu tenho que ter uma vida melhor, ser bem remunerada’, aí vai lá e começa. Também a mídia influencia muito no caso, ‘ah eu quero ser modelo’, pra aparecer na mídia eu vou fazer tudo que for necessário, mesmo que isso me acarrete muitos problemas tem o sucesso, a fama, tudo isso” (DSC 2BR).

Barros Filho e Meucci (2014, p. 81) apontam que “a nossa vida boa vai depender das condições de aproximação de tudo que se harmoniza conosco e de distanciamento de tudo que se opõe a nós”. Os autores esclarecem que essa harmonia não significa proximidade com tudo ou relação com tudo, pois algo considerado bom para algumas pessoas, para outras poderá não ser, cabe assim, cada indivíduo identificar do que deve se afastar, bem como do que deve se aproximar. Nesse trecho do DSC 2BR podemos ver que dois aspectos – boa remuneração e fama – são mencionados e parecem ser importantes para os adolescentes, podendo leva-los a se aproximarem de realizar o que a pessoa da agência sugeriu. La Taille (2009) coloca que praticamente todos nós realizamos escolhas, hierarquizamos alternativas, preferimos algumas e desconsideramos outras. Para o autor, o rumo das nossas escolhas é fornecido pelos valores (investimentos afetivos) e nesse caso, o que parece estar mais acima na hierarquia



de valores dos adolescentes brasileiros é a remuneração e a fama (valores efêmeros), e não sua saúde e o cuidado consigo.

Por fim, no discurso produzido com os dados oriundos dos grupos focais com adolescentes cabo-verdianos (DSC 1CV), acaba por emergir uma ideia bem particular:

“Se ela realmente almeja ser uma modelo, ela pode sim fazer isso, mas sem prejudicar sua saúde, sem ficar com problemas futuros. Isso depende de possibilidades, se ela é uma pessoa com boa confiança em si, se acha que não é suficientemente boa vai continuar com a dieta, vai se matar de fome para conseguir. Já, se ela for uma pessoa responsável, que goste mesmo de sua saúde irá procurar outras agências”.

No fragmento do discurso apresentado os adolescentes acreditam que sua escolha dependerá da confiança que se tem em si, ou seja, o seu valor. La Taille (2009, p. 88) defende que é preciso pensar sobre si próprio

tomar consciência de si, consciência da própria história de vida, dos possíveis talentos, dos próprios valores, dos próprios sentimentos, das próprias aspirações, das próprias potencialidades [...] sem minimamente pensar sobre si mesmo, sem se conhecer razoavelmente, fica difícil se situar no mundo e dar sentido às ações que se realizam e às atitudes que se tomam.

Ao pensar sobre si e ao se conhecer, o autor acredita que é possível o sujeito se situar no mundo e atribuir sentido às suas ações e suas atitudes. Os adolescentes acreditam que se o sujeito concebe que não é “suficientemente bom” vai fazer algo, mesmo sabendo que isso poderá vir a lhe prejudicar, “vai se matar de fome para conseguir”. Por outro lado, se for “uma pessoa com boa confiança em si”; “responsável, que goste mesmo de sua saúde” irá buscar outras saídas que não lhe prejudique, que não coloque sua vida em risco.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de realizarmos o fechamento da investigação, gostaríamos de deixar claro que ela, como qualquer outro estudo qualitativo, não procura estabelecer um alto grau de generalização e replicação dos resultados, mas se volta “para a produção de um conhecimento local e significativo para os contextos em que se vive e investiga” (SILVA, MARINHO e FRANÇA, 2013, p. 448). Dessa forma, as considerações aqui apresentadas possuem o intuito de aumentar a compreensão a respeito das

percepções de adolescentes sobre a realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados.

Ao trabalhar com o dilema moral foi possível observar que em relação a situação que envolvia realização de atividades físicas regulares e hábitos nutricionais adequados, a que foram expostos, os adolescentes demonstraram conhecimento racional sobre o que seria mais saudável. No entanto isso não se configurou como garantia de que esse domínio da informação fosse suficiente para balizar a conduta do sujeito. Acreditamos que isso se deu pelo fato de que “a razão precisa de um rumo, e esse rumo é fornecido pelos investimentos afetivos, pelos valores” (LA TAILLE, 2009, p. 44).

Os DSC produzidos com os dados oriundos de Cabo Verde e do Brasil acabaram se aproximando, mas também apresentaram diferenciais significativos. Nos argumentos dos adolescentes cabo-verdianos, que defenderam a ideia de que a protagonista não deveria seguir o conselho recebido na agência, além das inúmeras justificativas para não seguir o conselho, foi questionado (de forma incisiva) o paradigma atual da sociedade que associa magreza extrema a sinônimo de beleza. Em relação aos discursos favoráveis a menina seguir o conselho recebido na agência, o aspecto financeiro e a fama obtiveram destaque no discurso de adolescentes brasileiros, o que acaba revelando que esses valores são significativos na sua hierarquia.

A aposta teórica que utilizamos considera a cognição importante, mas não desconsidera o papel da afetividade, nos permitindo compreender – de uma forma mais ampla – os pensamentos dos adolescentes sobre as possíveis escolhas de saúde que poderão ter que realizar em dado momento de suas vidas. Visualizamos que um pensamento que ora seja racional (“*mesmo sabendo dá doença, sabendo dos problemas que podem acarretar na saúde a pessoa vai e faz pelo fato dela querer alcançar aquele objetivo*” – DSC 2BR), ora seja afetivo (“*Se ela levasse em conta que o tempo passa e as oportunidades não voltam ela faria com certeza, mesmo estando com sua saúde em risco*” – DSC 2CV); tende a se afastar de uma conduta saudável, que carece do imbricamento desses dois campos.

Evidenciamos também a importância do próprio indivíduo se perceber como alguém de valor (*“se ela é uma pessoa com boa confiança em si, se acha que não é suficientemente boa vai continuar com a dieta, vai se matar de fome para conseguir. Já, se ela for uma pessoa responsável, que goste mesmo de sua saúde irá procurar outras agências”* – DSC 1CV). Dessa forma, para que o sujeito possa cuidar/preservar sua saúde é preciso a construção de representações de si com valor positivo, as quais devem atribuir alto valor a sua própria vida.

Para finalizar realizamos uma analogia. Compreendemos que a cognição me dá o “norte” (o para onde seguir), mas a “estabilidade da agulha nesta bússola” é dada pela força de vontade em segui-la, a qual é oriunda da hierarquia de valores do sujeito, sobretudo, aqueles sobre si mesmos. Se estou diante de uma situação tentadora ao desejo – me alimentar mal e/ou realização de atividade física de forma muito intensa para melhorar a aparência –, a cognição dirige o pensamento, mas a conduta não é só racionalidade. O imbricamento afetivo se dá em função da força de vontade em segui-la, que, por sua vez, é oriunda da hierarquia de valores que me constituem. Dessa forma, se o sujeito não se considera “suficientemente bom”, ou seja, não se vê como alguém de valor, irá fazer algo mesmo que isso possa prejudicar sua saúde. No entanto, se o indivíduo possui uma “boa confiança em si”, se percebe como alguém de valor, irá buscar outras saídas para não colocar sua saúde e vida em risco, mas para isso concebemos ser necessário que ele tenha sucesso na expansão de si mesmo e construa representações de si com valor positivo.

JULIO CESAR BRESOLIN MARINHO

Licenciado em Ciências Biológicas e Doutor em Educação em Ciências, com período sanduíche na Universidade de Cabo Verde - UniCV (Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde). Professor da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Campus São Gabriel e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

JOÃO ALBERTO DA SILVA

Pedagogo, Psicólogo e Doutor em Educação, com período sanduíche na Universidade de Genebra. Professor da Universidade Federal do Rio Grande - FURG junto aos cursos de Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Atualmente é Coordenador Geral do Comitê Assessor da área de Educação da Fundação de Amparo à pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS (2019-2021).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. S.; RODRIGUES, B. M. R. D.; SIMÕES, S. M. F. S. O adolescer... um vir a ser. *Adolescência & Saúde*, v. 4, n. 3, p. 24-28, ago. 2007. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=95#. Acesso em: 31 out. 2017.

ANJOS, J. C. G. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. *Estud. afro-asiát.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 579-596, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2003000300008>. Acesso em: 23 out. 2015.

ANJOS, J. C. G. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 163-177, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a11v13n1.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.

BARROS FILHO, C.; MEUCCI, A. *A vida que vale a pena ser vivida*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. IBGE. *Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BRETAS, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002008000300004>. Acesso em: 30 out. 2017.

CORTELLA, M. S. *Viver em paz para morrer em paz (paixão, sentido e felicidade)*. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. *Nos labirintos da moral*. 10. ed. Campinas: Papirus 7 Mares, 2013.

COSTA, S.; ZANCUL, M. S. Educação alimentar em uma instituição total. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC, 2013, Águas de Lindóia. *Atas... Águas de Lindóia*: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0338-1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/330/252>. Acesso em: 8 dez. 2016.

FELIX, M. A. C. et al. Como estudantes do Ensino Médio caracterizam os próprios hábitos alimentares. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências

– X ENPEC, 2015, Águas de Lindóia. *Atas... Águas de Lindóia*: ABRAPEC, 2015. Disponível em: <http://www.xenpec.com.br/anais2015/resumos/R0347-1.PDF>. Acesso em: 20 maio 2016.

FREITAS, L. B. L. *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez, 2003.

GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

GONÇALVES, M. A. S. *Construção da identidade moral e práticas educativas*. Campinas: Papirus, 2015.

KAWASHIMA, R. A.; MARTINS, R. A.; BATAGLIA, P. U. R. Histórias e dilemas morais com crianças: instrumento para pesquisadores e educadores. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v. 6, n. 16, p. 211-230, 2015. Disponível em: <http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/439>. Acesso em: 15 mar. 2015.

LA TAILLE, Y. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEAL, G. V. S. et al. Consumo alimentar e padrão de refeições de adolescentes, São Paulo, Brasil. *Rev. bras. epidemiol.*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 457-467, set. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2010000300009>. Acesso em: 02 nov. 2017.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. *Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. *Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo*. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>. Acesso em: 17 nov. 2016.

LEITE, L. B. M.; MÓL, G. S. Educação Alimentar: considerações de adolescentes acerca das dietas alimentares. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC, 2017, Florianópolis. *Atas...* Florianópolis: ABRAPEC, 2017. Disponível em: http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/lista_area_07.htm. Acesso em: 03 nov. 2017.



LEMOS, M. C. M.; DALLACOSTA, M. C. Hábitos alimentares de adolescentes: conceitos e práticas. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, Umuarama, v. 9, n. 1, jan./abr. p. 3-9, 2005. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/viewFile/212/186>. Acesso em: 02 nov. 2017.

MOURÃO, D. E. Guiné-Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 83-101, abr. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000100006>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, J. M. *Ética e valores: métodos para um ensino transversal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

REGO FILHO, E. A. et al. Avaliação nutricional de um grupo de adolescentes. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, Maringá, v. 27, n. 1, p. 63-67. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/view/1445>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SANTROCK, J. S. *Adolescência*. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SEIBERT, G. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 49, p. 41-70, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0002-05912014000100002>. Acesso em: 23 out. 2015.

SILVA, J. G.; TEIXEIRA, M. L. O.; FERREIRA, M. A. Alimentação e saúde: sentidos atribuídos por adolescentes. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 88-95, mar. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000100012>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SILVA, J. A.; MARINHO, J. C. B.; FRANÇA, G. A. Consórcio entre pesquisas: possibilidades para o aprofundamento dos estudos qualitativos em educação. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 15, n. 3, p. 443-454, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v15i3.1265>. Acesso em: 25 maio 2020.

SILVA, A. C. S. et al. Representações sociais de adolescentes sobre ser saudável. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 397-409, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892014000200009>. Acesso em: 03 nov. 2017.

Recebido em: 30/09/2019.

Aprovado em: 08/06/2020.